

Linguagem de crianças e adolescentes com paralisia cerebral em vulnerabilidade comunicativa e usuários de comunicação suplementar e/ou alternativa no contexto de interação institucional

Layres Severo Silva*, Ana Luíza Wuo Maia, Regina Yu Shon Chun

Resumo

Esta pesquisa volta-se ao estudo da linguagem de 14 crianças e adolescentes com paralisia cerebral (PC) entre 5 e 15 anos, usuários de comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA), em situação de vulnerabilidade comunicativa (VC) no contexto institucional sob uma perspectiva enunciativa discursiva. As condições linguístico-cognitivas e motoras repercutem na situação de VC e na interação em instituição especializada, sendo que a mediação do interlocutor especializado e o uso da CSA favorecem maior autonomia e participação nas atividades institucionais.

Palavras-chave:

Linguagem, Paralisia Cerebral, Vulnerabilidade Comunicativa.

Introdução

A vulnerabilidade comunicativa pode gerar desautorização ou privação do sujeito de participar ativamente, como no caso de crianças e adolescentes com paralisia cerebral (PC), usuários de comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA)¹. A CSA possibilita se comunicar, expor ideias e sentimentos, favorecendo a linguagem, socialização e o próprio cuidado¹. Aqui, a linguagem é entendida como constitutiva dela própria, do sujeito e das interações sociais. A abordagem enunciativa discursiva possibilita entender a posição que o sujeito assume na situação dialógica².

O objetivo do estudo é analisar a linguagem de crianças e adolescentes com PC, usuários de CSA em situação de vulnerabilidade comunicativa no contexto institucional sob uma perspectiva enunciativa discursiva.

Resultados e Discussão

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa de corte transversal, vinculada a pesquisa de uma das autoras, aprovada pelo CEP sob nº 1.073.898/2015. A amostra se constituiu de 14 crianças e adolescentes entre 5 a 15 anos, com PC, usuários de CSA em situação de VC. Utilizou-se o banco de dados para acesso e transcrição de registros em vídeo dos participantes em situações institucionais, analisados sob uma perspectiva enunciativa discursiva. Os eixos temáticos emergiram de diversas leituras, segundo critérios de repetição e relevância: (i) vulnerabilidade comunicativa e condições linguístico-cognitivas e motoras; (ii) facilidades e dificuldades da comunicação conforme interlocutor; (iii) repercussões do uso da CSA nas atividades institucionais.

Todos participantes apresentaram VC nas atividades pedagógicas e terapêuticas. Todos usam formas próprias de comunicação (olhar, gestos, expressões faciais), 71,4% apresentaram oralidade restrita e 28,6% não oralizam. O tempo de latência de resposta e suas condições motoras repercutem na qualidade da interação e das relações dialógicas, todas as crianças apresentam iniciativa discursiva como uma característica de linguagem, mas 50% das crianças demonstram dificuldade para manter o diálogo e/ou respeitar turnos. Os achados mostram que o professor e o terapeuta atuam como mediadores, favorecendo sua comunicação. No setting terapêutico, atividades lúdicas e contextualizadas favorecem maior interação entre a criança/adolescente e o

terapeuta. Os registros em vídeo mostram que o uso da CSA possibilitou maior autonomia e participação em ambas situações, de modo que os sujeitos conseguem usar símbolos (100%) e/ou prancha de comunicação (28,6%) mesmo com limitações motoras. Os achados reafirmam o papel fundamental do interlocutor na situação discursiva e a importância de se estar atento às singularidades de suas condições linguístico-cognitivas e motoras, como encontrado em outro estudo³. A realização de atividades lúdicas e contextualizadas favorece maior interação entre a criança/adolescente no contexto terapêutico como apontado por outro autor⁴. Os achados das repercussões da CSA nas situações institucionais são consoantes com outros estudos^{4,5}.

Conclusões

Os resultados mostram que as condições linguístico-cognitivas e motoras na PC repercutem na situação de VC e na interação das crianças e adolescentes estudados em instituição especializada. Por outro lado, tais condições são facilitadas pela mediação de um interlocutor, especializado, seja o educador, seja o terapeuta. O mediador, portanto, constitui um dos fatores fundamentais para que a criança ou adolescente em VC possa produzir seu discurso de forma mais autônoma no contexto institucional. Destaca-se a importância da abordagem enunciativa discursiva para análise dos dados. Além disso, os achados indicam que o uso dos sistemas de CSA favorece a linguagem, assim como as relações dialógicas e sociais no contexto de interação institucional do grupo estudado, seja em sala de aula, seja em terapia.

Agradecimentos

Agradecimentos ao auxílio PIBIC/CNPq.

1- CHUN RYS; FEDOSSE E. Teorias Enunciativo-discursivas da linguagem: bases linguísticas pertinentes na intervenção com a CSA. In: MONTENEGRO AC de et al.(Organizadoras) Fonoaudiologia e Linguística: Teoria e Prática. 1a. ed. Curitiba: Appris. 2016.

2- FOUCAULT M. A Ordem Do Discurso: Aula Inaugural no College de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Ed.Edições Loyola, 1971.

3- ROMANO .N. Comunicação Suplementar e/ou Alternativa na percepção de fonoaudiólogos e familiares: facilitadores e barreiras. Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação. UNICAMP, Campinas, 2016.

4-TAKASE E, CHUN RYS. Comunicação e inclusão de crianças com alterações de linguagem de origem neurológica na perspectiva de pais e educadores. Rev. Bras. Ed. Esp. 2010, 16 (2), 251-264.

5- MAIA ALW. Vozes do processo de implementação da Comunicação Suplementar e/ou Alternativa em pessoas com comprometimento de linguagem: facilidades e desafios. Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação. UNICAMP, Campinas, 2017.